Os dez anos da revista Herpetologia Brasileira: avaliação e propostas para o futuro.

Bianca von Müller Berneck

Sociedade Brasileira de Herpetologia, Avenida Mofarrej 348, andar 13, Conj 1308, Vila Leopoldina, 05311-000 São Paulo, SP, Brasil

E-mail: bvmberneck@gmail.com

DOI: 10.5281/zenodo.6868019

Durante o IX Congresso Latino-Americano de Herpetologia e V Congresso Brasileiro de Herpetologia em Curitiba, realizados em julho de 2011 em Curitiba, Paraná, Taran Grant e Márcio Martins (então editores-sênior da South American Journal of Herpetology/SAJH) (Fig.1), anunciavam a ideia de se criar uma segunda revista da Sociedade Brasileira de Herpetologia (SBH), voltada à comunidade herpetológica brasileira e publicada apenas de forma eletrônica. Lembro-me que, naquele momento, alguns dos presentes, assim como eu, demostraram preocupação em relação a uma possível sobreposição em relação à SAJH e que nos parecia difícil visualizar a importância de tal periódico. Por que a SAJH não passaria a aceitar os manuscritos e notas de História Natural e as notas? Márico e Taran relembraram questões envolvendo a importância de um espaço para publicações em língua Portuguesa, que tanto faz falta no início da carreira, para que contribuições pontuais possam tomar o lugar que merecem.

Em março de 2012, foi publicado o primeiro número da Herpetologia Brasileira (HB), com dez seções, muitas delas presentes até hoje. A abertura da seção *Ensaios e Opiniões* conta com artigo de Grant & Martins (2012), no qual são apresentadas as motivações para criação da revista e as expectativas quanto ao papel da HB para a SBH. Grant & Martins (2012) ressaltam a importância de a SBH possuir um meio de **comunicar** para a comunidade herpetológica temas como obituários e resenhas de livros, e que outras sociedades, como a *Society for the Study of Reptiles and Amphibians*, entre outras, vinham fazendo tal distinção entre seus periódicos.

Agora, antes de prosseguir, peço licença para revisitarmos algumas das definições do verbo *comunicar*, para apenas ao final retomarmos essa importante

palavra-chave que tem sido um dos principais objetivos da HB.

Comunicar v. **1.** Transmitir, repassar ou divulgar (qualquer informação) (a alguém); **2.** Estar ou entrar em comunicação, em entendimento com; **3.** Estabelecer ou ter conexão entre (lugares); UNIR(-SE); **4**. Noticiar, participar, revelar, fazer saber; **5**. Manter (mais de uma pessoa) relações amistosas, satisfatórias entre elas; **6.** Passar, transmitir; **7**. Propagar-se, difundir-se, tornar-se conhecido.

Fonte: Aulete digital. Disponível em: *https://www.aulete.com.br/comunicar. Acesso em: 11 jul. 2022*.

Grant & Martins (2012) ressaltam que a revista deve "*servir de meio de divulgação e discussão para a comunidade herpetológica brasileira*" e que o "*objetivo é criar um fórum para publicar quaisquer informações relevantes à nossa comunidade*". Os autores terminam a nota levantando expectativas editoriais para o futuro da revista, que procuro ressaltar aqui, mais adiante.

Dez anos se passaram. Com o objetivo de analisar essa trajetória, realizei um levantamento – quantitativo e qualitativo – da produção da revista. Considerando apenas as notas e artigos completos, 105 contribuições foram publicadas na HB. Se incluirmos a estas notas todas as contribuições publicadas temos 824 contribuições.

A Figura 2 detalha a produção da Herpetologia Brasileira, da seguinte maneira: em azul claro, estão as notas que chamei de "completas", que trazem ao menos uma evidência, ainda que anedótica, e são sempre autorais, sem o cunho de notícia, relato ou diagnóstico. Em azul escuro, estão as produções de natureza informativa, como as notícias, informes de trabalhos recentes, defesas de tese, mudanças taxonômicas que ocorreram no período, etc.

O gráfico mostra que a HB tem se consolidado principalmente como um meio de publicação de contribuições de história natural (66 contribuições em 105, o que totaliza 62%), um ramo muitas vezes negligenciado pelos periódicos que desconsideram observações de caráter anedótico (McCallum & McCallum, 2006), que apesar disso apresentam suma importância para a conservação das espécies (Greene, 1986).

Notem o elevado número de notícias de interesse geral para a comunidade herpetológica, notícias de conservação e, é claro, a divulgação de trabalhos recentes publicados em periódicos cujo enfoque principal não é a herpetologia, o que demonstra o atendimento de um dos propósitos aos quais a revista se propõe.

Em relação a representatividade, a HB – assim como muitas revistas científicas – não mantém uma base de dados dos autores que inclua os múltiplos parâmetros necessários para falar adequadamente de diversidade. Informações como etnia, gênero, renda familiar, orientação sexual (dentre tantos outros) não estão disponíveis em uma base de dados. Assim sendo, apenas levantei a representatividade de mulheres (pela observação direta dos primeiros nomes). Para essa aferição eu considerei dois números. O primeiro foi o total de homens e mulheres que participaram de uma publicação (contando cada pessoa uma única vez, independente se a mesma pessoa participou de diversas publicações ao longo dos últimos dez anos), pelo número total de autores ao longo dos 10 anos. O segundo número representa apenas o gênero do primeiro autor de determinada publicação. Vale ressaltar que o ideal seria ter colhido previamente o gênero declarado pelos autores e lamento que, infelizmente, não tenho elementos para considerar o espectro não-binário nesse levantamento (Fig. 3).

Considerando todos os autores que participaram das publicações, 40% foram de mulheres (Fig. 3). Se observarmos apenas o gênero do primeiro autor, esse número cai para 35%. Entretanto, ao isolar os últimos cinco anos de publicações (volumes 6–10), apesar de as mulheres ainda representarem 40% do número total de autores, a participação como primeiras autoras subiu para 50%. Ainda não estamos no cenário ideal, mas ao menos um pouco mais perto dele. (aqui convido o leitor para ler duas contribuições feitas na HB sobre essa temática: Diele-Viegas et al., 2020 e Da Fonte et al. 2022)

A produção da HB inclui, ao todo, autores de 122 instituições, distribuídas majoritariamente no Brasil, mas também na Argentina, Austrália, Canadá, Colômbia, EUA, Paraguai, Reino Unido, Suécia e Uruguai. Dentre os estados brasileiros, os mais representados foram Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (Fig. 4).

É importante lembrar que, no momento de criação da HB, não havia o número de usuários de redes sociais que se observa atualmente. Nos últimos dez anos, o número de usuários nas redes sociais triplicou (Ablas, 2020). Muitas das seções e dos informes que eram exclusivamente publicados pela HB, atualmente são também publicados pelo time de Divulgação científica da SBH, *que atualmente faz um trabalho de alta relevância para a comunidade herpetológica brasileira*.

Essa tendência deve ser considerada ao discutirmos o futuro da HB. Quais seções podemos transformar apenas em mídias digitais? Que outros formatos podem ser interessantes para a comu-

nidade? Para se ter uma ideia da importância do assunto, Lamb *et al.* (2018) demostraram que a comunicação científica em mídias sociais pode auxiliar no aumento de citações de artigos científicos. Essa realidade foi intensificada pelos efeitos da pandemia de Covid-19, onde a divulgação e comunicação científica impactaram de diversas maneiras a visão da sociedade sobre a produção acadêmica, evidenciando não apenas o preocupante volume de *fake news* e em alguns casos mais pontuais, publicações precariamente revistas pelos pares (veja Pollet & Rivers, 2020; Rocha *et al.* 2021).

Entretanto, um contraponto a essa tendência é que a HB constitui uma importante memória para a SBH, pois divulga suas ações, eleições de diretorias, congressos e outras assuntos que interessam a comunidade herpetológica mas acabam por ser esquecidos. Assim, penso que os editores devem avaliar cuidadosamente possíveis extinções de seções.

Ainda em relação ao futuro da revista, me parece que um passo importante foi dado recentemente: a disponibilização do DOI (Digital Object Identifier) e a possibilidade de depositar atos taxonômicos no *ZooBank* são passos em direção a uma revista que, apesar de ter um escopo de divulgação, também se apresenta como uma opção para publicações puramente acadêmicas que não são prioridades de revistas internacionais.

Fica evidente que os envolvidos nas publicações da HB nos últimos 10 anos "comunicaram, transmitiram e repassaram" pura herpetologia, evidenciando toda ação e movimento do verbo comunicar. Também fica evidente e estabelecido o papel da HB. Todas as notas e informes que "estabeleceram conexão entre partes" foram e seguem sendo "*um fórum para publicar quaisquer informações relevantes à nossa comunidade*" como idealizado na ocasião de sua criação por Márcio e Taran. Que a HB siga propagando e difundindo o conhecimento em tempos em que tantas frentes convidam para o obscurantismo!

REFERÊNCIAS

Ablas B. 2020. Relembre a evolução e as mudanças das redes sociais na última década. *Techtudo*. Disponível em: https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/12/relembre-a-evolucao-e-as-mudancas-das-redes-sociais-na-ultima-decada.ghtml. Acesso em: 19 jul. 2022.

Diele-Viegas L.M., Araújo O.G.S., Berneck B. M., Brasileiro C.A., Brito E.S., Brunes T. O., ... Lourenço, A.C.C.. 2020. When misinterpretation leads to sexism: perspectives on gender disparity in Brazilian Herpetology. *Herpetologia Brasileira* 9:86–99.

Fonte L.F.M., França D.P.F, Vasconcelos B.D., Paiva F., Ramalho Q., Banci K.R.S., Diele-Viegas L.M. 2022. Uma proposta para valorização de grupos de pesquisa inclusivos nas publicações da Sociedade Brasileira de Herpetologia. https://doi.org/10.5281/zenodo.5838903

Grant T., Martins M. 2012. Apresentação da Herpetologia Brasileira. *Herpetologia Brasileira* 1:20–21.

Greene H.W. 1986. Natural history and evolutionary biology. Pp. 99–108, in Feder M.E., G.V. Lauder (Eds). Predator-Prey Relationships: Perspectives and Approaches from the Study of Lower Vertebrates. University of Chicago Press. Chicago.

Lamb C.T., Gilbert S.L., Ford A.T. 2018. Tweet success? Scientific communication correlates with increased citations in Ecology and Conservation. *PeerJ* 6:e4564 https://doi.org/10.7717/peerj.4564.

McCallum M.L., McCallum J.L. 2006. Publication trends of Natural History and field studies in Herpetology. *Herpetological Conservation and Biology* 1:62–67.

Pollet S.; Rivers C. Social Media and the New World of Scientific Communication During the COVID-19 Pandemic. *Clinical Infectious Diseases* 71:2184–2186. https://doi.org/10.1093/cid/ciaa553

Rocha Y.M., Moura G.A., Desidério G.A., Oliveira C.H., Lourenço F. D., Nicolete L.D.F. 2021. The impact of fake news on social media and its influence on health during the COVID-19 pandemic: a systematic review. *Journal of Public Health*: https://doi.org/10.1007/s10389-021-01658-z.

Editores: Teresa C. S. Ávila-Pires, Julio Moura-leite, Luciana B. Nascimento



Figura 1. Márcio Martins (à esquerda) e Taran Grant (à direita), durante o IX Congresso Latino-Americano de Herpetologia e V Congresso Brasileiro de Herpetologia, realizados em julho de 2011 em Curitiba, PR, ocasião na qual anunciaram a idealização e criação da revista Herpetologia Brasileira.

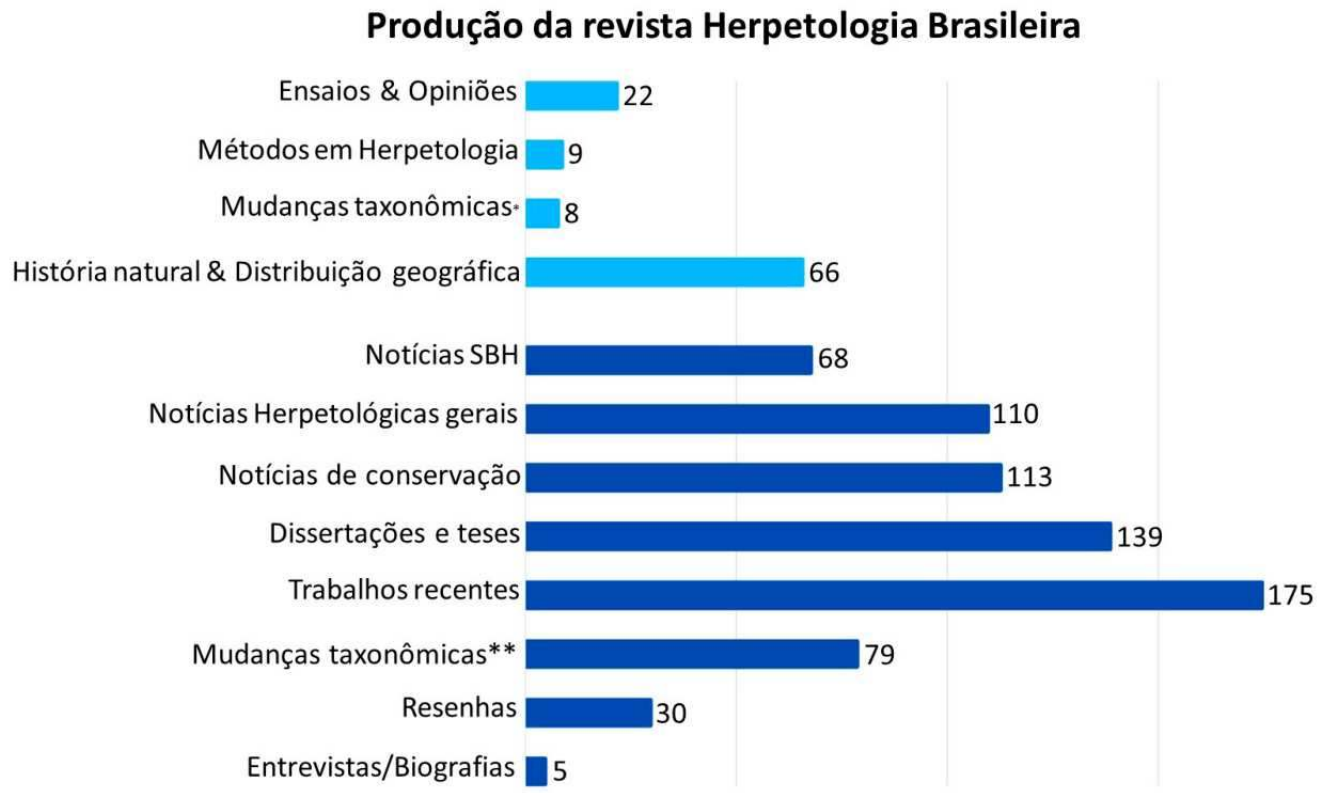


Figura 2. Produção bibliográfica da revista Herpetologia Brasileira do volume 1, número 1 (2012) ao volume 10, número 3 (2021). As barras em azul escuro indicam as seções com artigos e notas que trazem ao menos uma evidência, ainda que anedótica as barras em azul claro indicam os informes e notas nas outras seções. *Artigos em taxonomia, como listas de espécies, por exemplo; **Notas e informes curtos.

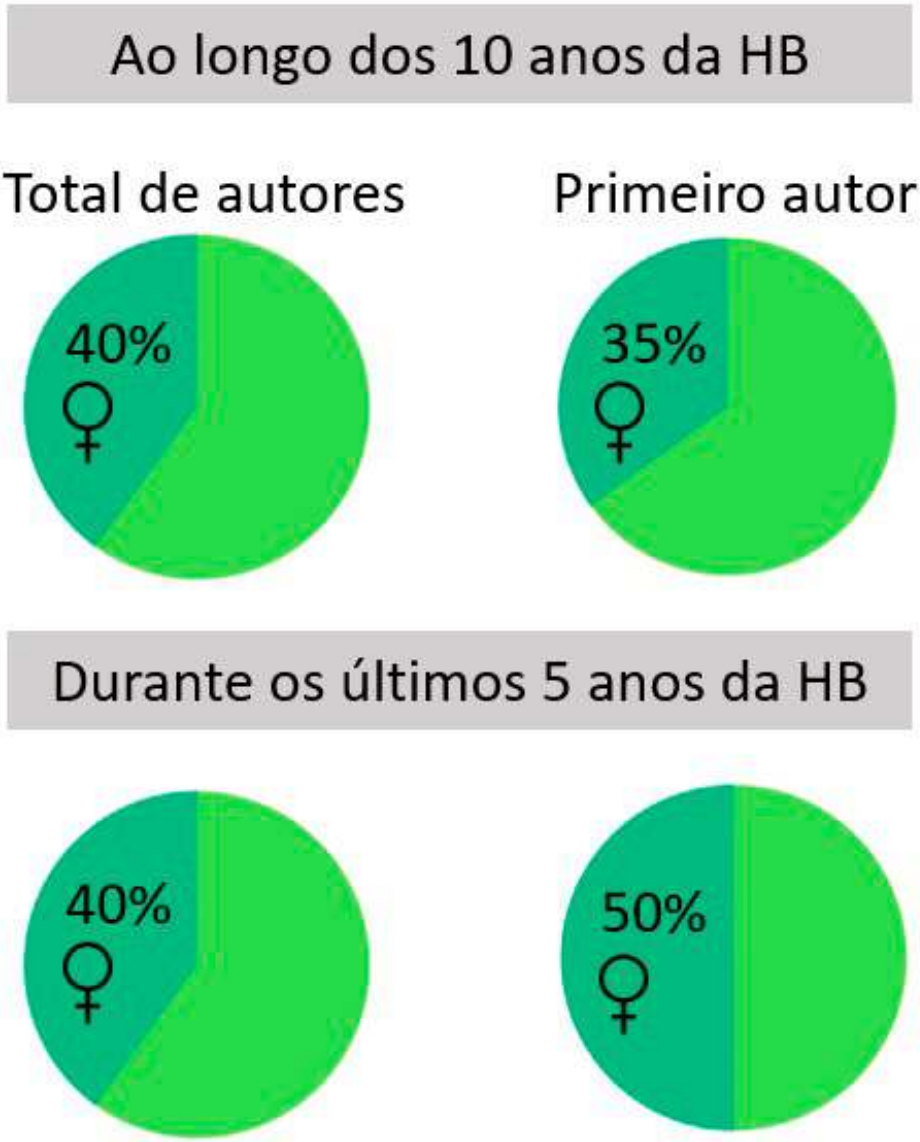


Figura 3. Proporção entre homens e mulheres que publicaram na HB, considerando todos os autores (à esquerda) ou somente o primeiro autor (à direita)".ao longo dos 10 anos da revista. Na segunda linha, o mesmo número considerando apenas os últimos cinco anos da revista.



Figura 4. Nuvem de palavras mostrando os estados que foram indicados mais frequentemente pelos autores que publicaram na HB dos volumes 1 a 10 da revista. O maior tamanho da letra indica maior frequência de ocorrência.